

A Revista "O Vencedor" pode ser enviada para qualquer lugar do mundo, a toda pessoa interessada, livre de quaisquer ônus.

Se você tem algum amigo que gostou da revista pedimos que nos informe seu nome e endereço para que possamos enviar-lhe gratuitamente um exemplar.

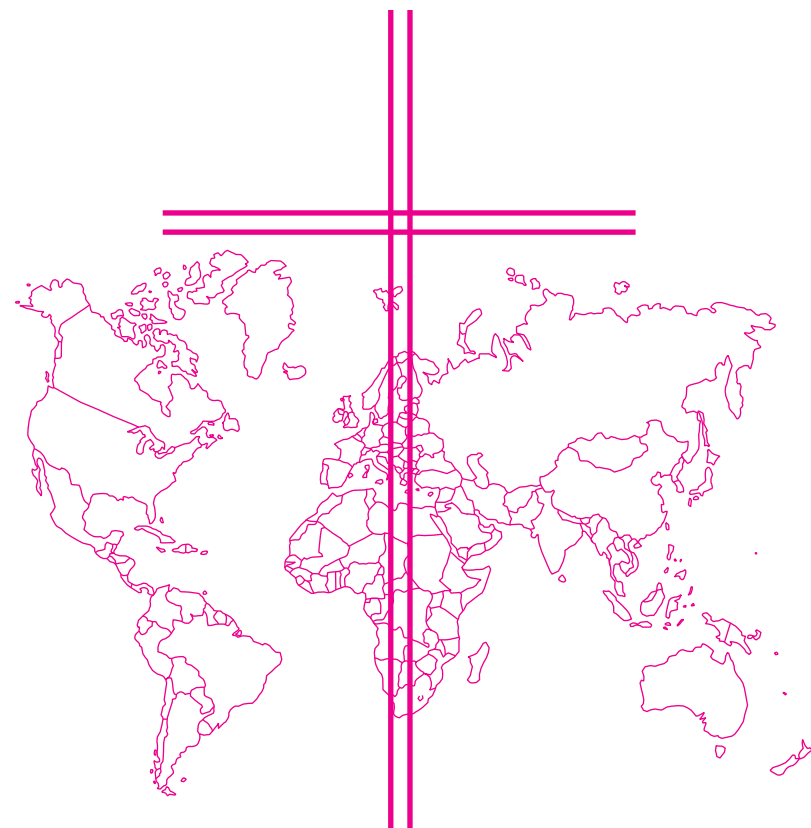
O financiamento deste ministério depende das doações dos leitores, e muito nos alegamos em saber que alguns dos nossos irmãos estão prontos para ajudar com alguma contribuição. As ofertas de amor devem ser enviadas para o endereço da

Editora Restauração, assim como as demais correspondências. Operamos pela fé na provisão do nosso Senhor Jesus Cristo.

Esta obra é uma tradução fiel da "The Overcomer Magazine" com a devida autorização dos irmãos responsáveis por sua edição na Inglaterra há quase cem anos. Dependemos da sua intercessão para que o trabalho de tradução, revisão, edição e publicação de "O Vencedor" seja dirigido e sustentado exclusivamente pelo Senhor. A graça e a paz seja com todos. Amém

O Vencedor

Fevereiro 2018 a Maio 2018



HUMILDADE

ENSINAMENTO BÍBLICO
PARA PROMOVER O
CRESCIMENTO ESPIRITUAL

O Vencedor

Versão em Português: Volume XIV Número 3 Fevereiro 2018.
Traduzida por João A.F.Barros.
Revisada por Paulo C.Oliveira.
Publicada pela Editora Restauração.
Editada por João Alfredo F. Barros.

Original em Inglês: Volume XCIX Número 3 Novembro 2017.
Fundada pela Sra. Jessie Penn-Lewis em 1909.
Publicada por The Overcomer Literature Trust.
Editada por Michael Metcalfe.

Conteúdo:

HUMILDADE

	Página
AS OBRAS EXTERNAS DA VIDA TRANSFORMADA	
Sra. Jessie Penn-Lewis	1
CARTAS DOS EDITORES	2
SANTIDADE	
J.C.Ryle	3
CRISTO. A NOSSA VIDA	
Ruth Paxson	7
HUMILDADE: A BELEZA DA SANTIDADE	
Adrew Murray	11
SANTIFICAÇÃO, A VONTADE DE DEUS	
Henry Drummond	14
RECONCILIAÇÃO	
J.C.Metcalfe	16

Toda correspondência concernente a esta revista,
doações para custear a sua publicação, mudanças de endereço,
etc., deve ser enviada para:

Editora Restauração - Revista "O Vencedor"
Caixa Postal: 1945
Curitiba - Paraná - Brasil
CEP 80.011-970
e-mail: editor@editorarestauracao.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA RESTAURAÇÃO

Livretos

O Chamamento para Edificar - Milt Rodriguez
Betânias Verdadeiras - T.Austin Sparks
A Última Chamada - Stephen Kaung
O Senhorio de Cristo - Stephen Kaung
O Tempo da Cruz - Watchman Nee
Betânia - Frank Viola
O Seu Cristo é Muito Pequeno - Frank Viola
Restaurando a Expressão da Igreja Volume 1 A Ceia do Senhor Partes 1 a 5
Restaurando a Expressão da Igreja Volume 2 O Batismo Partes 1 a 4
Fora do Arraial - Hamilton Smith
Uma Nova Visão da Igreja Como Família - Frank Viola
A Identidade do Testemunho da Igreja - Gino Iafrancesco
Há Um Combate a Ser Combatido! - J.C. Metcalfe
A Que Devemos Ser Leais - William Macdonald
A Vontade de Deus Para a Mulher Cristã - Vários Autores
Divórcio e Recasamento - Shawn Abigail
A Verdade Acerca do Natal - Autor Desconhecido
Não Deixe a Congregação - J. Preston Eby
A Salvação da Alma - Watchman Nee

Livros

A Primeira Carta aos Coríntios - Hamilton Smith
A Noiva do Cordeiro - Hamilton Smith
A Gloriosa Liberdade dos Filhos de Deus - S. Kaung
O Filho de Deus - Hamilton Smith
Sede Vós Pois Perfeitos - Stephen Kaung
Conversa Franca com Pastores - Frank Viola
A Plenitude de Cristo - Stephen Kaung
Pequenos Artigos Sobre a Igreja - Hamilton Smith
Restauração - Stephen Kaung
Você quer Realmente Começar Uma Igreja em Casa? - Frank Viola
O Reino e a Igreja - Stephen Kaung
Rios de Águas Vivas - Ruth Paxson
O Reino de Deus - Stephen Kaung
Chamados para a Santidade - Ruth Paxson
Meditações Sobre o Reino - Stephen Kaung
Eu Edificarei a Minha Igreja - Stephen Kaung
A Cruz - Stephen Kaung

Revistas

O Vencedor - Volumes 1 a 13
Mensagens de Boas Novas - Volumes 1 a 13

Todas as publicações se encontram disponíveis na página da internet
www.editorarestauracao.com.br

Deus que, nele, residisse toda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus. E a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, agora, porém, vos reconciliou...”

A cruz é a única chave que desvenda o mistério do tratamento de Deus conosco. Ela é o pivô sobre o qual todas as verdades giram. Ela é o lugar de encontro entre Deus e nós. Deus declarou as intenções misericordiosas em relação a nós no Calvário e nos chamou para sermos reconciliados com Ele, como o passo preliminar para uma vida de obediência e utilidade, o objetivo para o qual é uma embaixada do amor para um mundo perdido. Não podemos pregar essas boas novas a menos que sejamos enviados, e elas devem estar queimando no coração, acesas pela paz e alegria que vêm com essa perfeita reconciliação, se quisermos ganhar outros dos caminhos da rebelião para uma vida de comunhão com Ele.

“... reconciliados... mediante a morte de seu Filho” e “salvos pela sua vida”. “A morte de Cristo”, escreveu Henry Drummond, “que é a expiação, nos reconcilia com Deus, nos coloca no caminho do poder que deve vir contra o nosso pecado e livrar a nossa vida da destruição. Mas a Água da Vida, que flui da vida de Cristo, é o próprio poder. Ele redime a minha vida da destruição pela Sua vida. Este é o poder, diz Paulo, que redimiu a sua vida da destruição. A vida de Cristo, não a Sua morte, vivendo na sua vida, absorvendo-o, emprenhando-o, transformando-o, 'Cristo em mim’”.

AS OBRAS EXTERNAS DA VIDA TRANSFORMADA (Rm 12.9-21)

Sra. Jessie Penn-Lewis

“O amor seja sem hipocrisia” (v. 9). Deixe o seu amor ser genuíno.

“Detestai o mal, apegando-vos ao bem” (v. 9). Odeie o pecado, não brinque com ele.

“Amái-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros” (v. 10). Dê aos outros o primeiro lugar; seja gentil e cortês.

“No zelo, não sejais remissos... servindo ao Senhor” (v. 11). “Estejam preparados para toda a boa obra” (Tt 3.1), disse Paulo, e ele não hesitou, embora fosse apóstolo, em trabalhar com as suas próprias mãos para que não fosse um peso para os coríntios (2 Co 11.9). Isso dignifica as ocupações honestas e mostra que o Senhor pode ser servido fervorosamente no local de trabalho, bem como pregando o evangelho.

“... regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes...” (v. 12). Isso é aplicável à vida no trabalho, bem como em todas as outras circunstâncias, e deve ser o espírito no qual todas as provações são encontradas. Esperançoso, paciente, devoto.

“... compartilhai as necessidades dos santos; praticai a hospitalidade...” (v. 13). Sendo cuidadoso para com os outros na família da fé (1 Jo 3.17) e generoso em hospitalidade (3 Jo 5-7).

“... abençoai os que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram. Tende o mesmo sentimento uns para com os outros...” (vv. 14-16). Não retalie, mas conquiste com o amor. Seja compreensivo, contente por ver outros felizes, e sensível com as suas aflições. Busque a unidade do Espírito com todos.

“... condescendei com o que é humilde...” (v. 16). A vida transformada é autoanulante. Esteja disposto a não ser ninguém. Seja agradecido por tudo o que vier (Sl 34.13).

“... não sejais sábios aos vossos próprios olhos” (v. 16). Não pense que sabe tudo. “Não torneis a ninguém mal por mal...” (v. 17). Não devolva.

“... esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens...” (v. 17). Pense em como parecem as coisas para outros.

“... se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens...” (v. 18). Seja pacificador, não encrenheiro, em casa e na igreja.

“... não vos vingueis... porque está escrito: A mim me pertence a vingança...” (v. 19). Tenha cuidado com a autodefesa. Fique quieto, nenhuma palavra, lembre-se de Lucas 18.7.

A verdadeira semelhança a Cristo

“Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber... Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o

bem” (vv. 20-21). Faça o máximo por aqueles que o odeiam e derreta toda a oposição com o fogo do amor celestial (Mt 5.44-45).

Do livro Fruitful Living (Vida Frutífera).

CARTAS DOS EDITORES

Caros Amigos:

Cumprimentos no maravilhoso Nome do nosso Senhor e Salvador, com cuja justiça nós estamos vestidos.

Muitas vezes achei esta edição da revista especialmente difícil. Enquanto preparava os artigos, fui condenado pela falta de santidade em minha própria vida. Espero que enquanto você estuda estas páginas descubra que o Senhor é de fato o seu tudo em todas as coisas e que é somente por meio d'Ele que podemos ser feitos e mantidos justos para com Deus.

No Nome santo do Salvador,

Michael Metcalfe

Amados Irmãos

Nosso Senhor Jesus, quando veio a este mundo, nasceu de forma humilde, como um Cordeiro em um estábulo. E assim permaneceu durante toda a Sua peregrinação entre os homens, como um Cordeiro manso e humilde.

Certa vez, João, o batista, O viu passar e disse a todos: "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". Isaías já havia profetizado a obra de Jesus no Calvário, muito tempo antes de ela acontecer, e a respeito d'Ele disse: "Como Cordeiro mudo foi levado ao matadouro". Finalmente, quando todos os planos de Deus para esta era forem concluídos, haverá um trono de Deus e do Cordeiro, de onde jorrará o rio da água da vida, claro como cristal.

Se o nosso Senhor Jesus é conhecido por todas as eras como o Cordeiro manso e humilde, que tipo de pessoa nós devemos ser como cristãos? Se realmente a vida de Cristo está dentro de nós e vive em nosso lugar, que comportamento devemos ter diante das exigências deste mundo? Não deveríamos ser como nosso Senhor, mansos e humildes como um cordeiro?

Vamos rever as nossas atitudes quando nos é exigido superioridade, arrogância, presunção para prevalecermos neste mundo. Vamos deixar manifestar em nós a humildade d'Aquele que é e sempre será o Cordeiro de Deus.

João Alfredo

de todo o ministério cristão: conduzir pessoas a Deus em Cristo e contar-lhes os seus grandes recursos n'Ele. Paulo continua: "De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo..." (v. 20). Um embaixador é o representante de um monarca ou de um governo. Ele é indicado para o seu ofício, pois este nunca é autodesignado. Ele, por isso, fala com autoridade delegada. O Evangelho é a mensagem autorizada do Soberano do Universo, o Senhor Soberano do espírito dos homens, proclamado por meio de embaixadores para aqueles que vivem em rebelião contra Ele. Ele é uma mensagem de infinita misericórdia, mas exige a obediência implícita às suas reivindicações. O pregador tem essa tarefa confiada a ele, "como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus" (v. 20).

Considere que maravilhoso privilégio. Apesar de toda a nossa fraqueza e pecaminosidade, somos vestidos com o manto real da Sua justiça e comissionados para o posto de embaixadores, para que possamos convocar pessoas para retornarem ao Pai pela virtude da cruz. Somos encarregados da proclamação do Rei. Pela Sua graça, somos Seus representantes por meio de quem a Sua mensagem do Evangelho, em toda a sua plenitude, simplicidade e urgência, pode ser transmitida aos nossos ouvintes. Uma vez mais, parece que a maravilha absoluta do fato sobre o qual a sua comissão é fundada arrebatou o coração e a mente do apóstolo; e ele clama: "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (v. 21).

O Terreno da Unidade

Na versão de J. B. Phillips para a passagem de Efésios 2.13-18, lemos: "Pois Cristo é a nossa Paz viva. Ele fez uma unidade dos elementos conflitantes dos judeus e gentios, derrubando a barreira que se põe entre nós. Pelo Seu sacrifício Ele removeu a hostilidade da lei, com todos os seus mandamentos e regras, e fez n'Ele mesmo dos dois, judeus e gentios, um Novo Homem, produzindo assim paz. Pois Ele reconciliou ambos com Deus pelo sacrifício de um Corpo na Cruz, e por este ato tornou completamente irrelevante o antagonismo entre eles. Então Ele veio e disse a todos vocês que estavam distantes de Deus e a nós que estamos perto que a guerra acabou. E é por meio d'Ele que nós dois podemos nos aproximar do Pai em um Espírito".

Somos propensos a apresentar a questão da unidade cristã como se fôssemos responsáveis e também capazes de criar tal unidade, a qual nós consideramos como não existente ou prescrita. Mas há a união criada por Deus na cruz, à parte da qual toda conversa sobre unidade cristã é sem sentido. O Calvário derruba todas as barreiras, rasga todas as diferenças humanas e nos conduz a essa posição, em Cristo, onde todos são realmente um (veja Gálatas 3.26-28). Estamos todos no Reino como pecadores reconciliados, tudo devido ao sacrifício substitutivo d'Aquele que "me amou e se entregou por mim" (Gl 2.20).

Colossenses 1.19-22 leva o relato ainda além: "... porque aprovou a

somos admitidos na presença de Deus; também é o lugar da contínua crucificação. Mas embora tenhamos sido reconciliados com Ele, não somos capazes de viver segundo os Seus padrões pelo nosso próprio esforço. Por isso, quando Ele nos recebeu, Deus nos selou com o Seu Espírito, para que Cristo possa viver em nosso coração pela fé (veja Efésios 3.16-17). Em um sentido, nunca vamos além da cruz; em outro, nosso é o progresso diário para a glória. Rememorando o ensinamento que ele deu sobre a reconciliação e união com Cristo, o apóstolo insiste: “Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus” (Rm 6.10-11). Isso é ser salvo pela Sua vida.

A Entrada para a Vida

A grande passagem de reconciliação do Novo Testamento é 2 Coríntios 5.14-21. Os versos 14 a 17 nos dão um vislumbre do alcance e extensão da nova vida em Cristo. Há frases que demandam a consideração em humildade e devoção de cada um de nós. “... um morreu por todos; logo, todos morreram”, “para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou”, “eis que se fizeram novas”.

O verso seguinte explica a razão para tudo isso. Deus agora é capaz de nos mostrar as coisas como elas realmente são, como Ele as vê. Fomos trazidos para um plano completamente novo, pois Ele nos reconciliou Consigo mesmo por meio de Jesus Cristo (v. 18). A compaixão de Deus se estendeu até nós em Cristo. O Seu coração não teve de ser mudado. Ele sempre foi cheio de amor pelos pecadores, embora odeie o seu pecado. Ele mesmo planejou e finalizou aquela sacrificial, expiatória, reconciliatória obra a nosso favor. No Calvário, Deus é visto sozinho. A Sua justiça é vindicada e o Seu amor é liberado para nos alcançar aqui embaixo. Podemos simples e surpreendentemente entrar naquele lugar onde somos Seus, Seus filhos pela Sua adoção voluntária e pelo poder de um novo nascimento. A nossa aceitação para com Deus descansa na expiatória, reconciliatória obra do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo na Sua cruz. Nunca se esqueça de que a promessa que foi justamente imputada a Abraão, quando creu em Deus, é também para nós. “E não somente por causa dele está escrito que lhe foi levado em conta, mas também por nossa causa, posto que a nós igualmente nos será imputado, a saber, a nós que cremos naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação” (Rm 4.23-25). Deus, que deu Seu Filho para tomar sobre Ele os nossos pecados, O trouxe novamente dos mortos como o nosso representante no céu, e somos aceitos “no Amado” (Ef 1.6). Isso não é algo a ser debatido, mas a ser humildemente recebido. Então se tornará a alegria do nosso errante coração, a rocha da nossa salvação e a força motriz de toda a nossa vida.

O Objetivo do Ministério

Paulo muito naturalmente passa adiante para o serviço cristão: “... e nos deu o ministério da reconciliação...” (2 Co 5.18). Aqui está o objetivo claro

SANTIDADE

J.C. Ryle

“Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor...” (Hb 12.14).

Esta afirmação diz respeito a todos nós. Alguns são ricos e outros são pobres, alguns instruídos e outros não, alguns mestres e outros servos, mas não há graduação ou condição na vida na qual não devemos ser santos.

Que tipo de pessoas são aquelas que Deus chama de santo?

A santidade é o hábito de ser de uma mesma mentalidade com Deus quando descobrimos Sua mentalidade descrita na Escritura. É o hábito de concordar com o julgamento de Deus, odiando o que Ele odeia, amando o que Ele ama e medindo tudo neste mundo pelo padrão da Sua Palavra.

Uma pessoa santa irá se empenhar por parecer-se com o nosso Senhor Jesus Cristo. Não apenas viveremos a vida da fé d'Ele, e tiraremos d'Ele toda a nossa paz e força diária, mas trabalharemos para sermos “conformes à semelhança de Seu Filho” (Rm 8.29). Será o nosso objetivo ter paciência e perdoar outros, assim como Cristo nos perdoou, ser generoso, assim como Cristo não satisfez a Si mesmo. Andar em amor, assim como Cristo nos amou, ser modesto e humilde, assim como Cristo se fez de nenhuma fama e humilhou-se a Si mesmo. Lembremo-nos de que Cristo foi uma testemunha fiel da verdade, que Ele veio não para fazer a Sua própria vontade, mas era Sua comida e bebida fazer a vontade do Seu Pai. Ele constantemente negava a Si mesmo para ministrar a outros, Ele era humilde e paciente sob os imerecidos insultos e pensava mais no devoto pobre do que nos reis. Ele era cheio de amor e compaixão pelos pecadores, era corajoso e inflexível para denunciar o pecado. Ele nunca buscou o louvor de outros. Ele andava para lá e para cá fazendo o bem e perseverava na oração. Ele não permitia que nem mesmo as Suas mais próximas relações ficassem em Seu caminho quando a obra de Deus devia ser feita. Dessas coisas uma pessoa santa tentará se lembrar. Por elas nos empenharemos em moldar a nossa vida. Poremos no coração o que disse João: “... aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou” (1 Jo 2.6), e o que disse Pedro: “... Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos...” (1 Pe 2.21). Bem-aventurado é aquele que aprendeu a fazer de Cristo o seu tudo, tanto para a salvação como para o exemplo.

A pessoa santa procurará ser meiga, longânima, doce, paciente, gentil e manterá uma vigilância sobre a sua língua. Seremos mais tolerantes, contemplaremos mais, e seremos tardios para exigir os nossos direitos.

O santo praticará a autonegação. O Senhor Jesus advertiu os Seus discípulos: “Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo...” (Lc 21.34), e Paulo disse: “Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros,

não venha eu mesmo a ser desqualificado” (1 Co 9.27).

Uma pessoa santa procurará ser amável e gentil. Seremos cheios de afeição para com outros, suas características, suas personalidades, seus sentimentos e suas almas. “... quem ama o próximo”, diz Paulo, “tem cumprido a lei” (Rm 13.8.). Não mentiremos, difamaremos, fraudaremos nem seremos desonestos. Procuraremos proclamar a nossa fé pelo nosso comportamento diário.

O santo mostrará compaixão pelos outros. Tentaremos fazer o bem e não estaremos contentes por apenas não causar dano. Iremos nos esforçar por ser úteis e minimizar as necessidades e miséria em nossa volta. Dorcas sempre fazia o bem, não apenas tinha intenção de fazer e falar sobre isso, mas fazia (At 9.36). Assim era Paulo: “Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol da vossa alma”, disse ele (2 Co 12.15).

Uma pessoa santa buscará a pureza de coração. Sabemos que o nosso próprio coração se parece com um material inflamável e o manteremos longe das faíscas da tentação. Quem ousa falar de força quando Davi pode cair? Mas poucos são cuidadosos nisso.

Os santos procurarão conhecer o temor do Senhor. Não falo do temor de um escravo, que só trabalha porque teme a punição, e que seria ocioso se não temesse ser descoberto. Antes, falo a respeito de uma criança, que deseja viver e se mover como se estivesse sempre na presença dos seus pais, porque eles a amam. Que exemplo nobre nos dá Neemias disso. Quando se tornou governador em Jerusalém, poderia ter exigido dinheiro dos judeus para o seu sustento. Os antigos governadores tinham feito isso. Não havia ninguém para culpá-lo se ele o fizesse. Mas ele disse: “... porém eu assim não fiz, por causa do temor de Deus” (Ne 5.15).

Uma pessoa santa viverá em humildade. Desejaremos, em humildade de mente, considerar todos os outros melhores do que nós. Veremos mais maldade em nosso próprio coração do que em qualquer outro. Entenderemos algo sobre o sentimento de Abraão, quando disse: “Sou pó e cinza” (Gn 18.27) e o de Jó, quando disse: “Sou vil” (Jó 40.4). Paulo será entendido quando disse: “Sou o principal dos pecadores” (1 Tm 1.15).

A pessoa santa procurará ser fiel em todas as obrigações e relações na vida. As palavras de Paulo nunca devem ser esquecidas: “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor...” (Cl 3.23). As pessoas santas devem almejar fazer todo bem e se envergonhar de permitir a si mesmo fazer algo mal. Como Daniel, devemos procurar não dar ocasião nenhuma contra nós, exceto “se não a acharmos contra ele na lei do seu Deus” (Dn 6.5). Devemos nos esforçar para sermos bons maridos e boas esposas, bons pais e bons filhos, bons mestres e bons empregados, bons vizinhos, amigos e sujeitos. Bom no privado e no público, bom no local de trabalho e bom em casa. A santidade para pouco presta se não produzir esse tipo de fruto.

Finalmente, porém não de menor importância, uma pessoa santa será inclinada às coisas espirituais. Tentaremos colocar as nossas afeições nas

Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. (...) Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida...” (Rm 5.6, 8, 10). Os termos 'ainda fracos', 'ímpios', 'pecadores', 'inimigos' fornecem um quadro claro da necessidade humana e descrevem a condição da pessoa não convertida. A nossa carência natural está expressa em termos que todos podem entender e reconhecer em sua própria experiência. Nenhum de nós tem força para alcançar os padrões que Deus requer de nós, temos uma inata ausência de qualquer temor autêntica, ou confiança n'Ele, não somos nunca capazes de mirar com precisão as flechas dos desejos corretos, mas somos pecadores, que invariavelmente erram o alvo e ficam destituídos da glória de Deus (Rm 3.23). Pior de tudo, estamos alinhados com os Seus inimigos: “... o pendor da carne é inimizade contra Deus...” (Rm 8.7). Há uma necessidade de que sejamos reconciliados com Deus. Não podemos preencher a lacuna entre Sua santidade e a nossa pecaminosidade, por isso Ele mesmo a preencheu. Ele providenciou uma remissão. Sou sempre grato por não ter de entender completamente o que Deus fez, mas posso descansar em Sua oferta amorosa de misericórdia e descobrir quão seguro é confiar n'Ele.

A Porta para o Favor

A reconciliação é só o começo. Há muitas tragédias espirituais porque não se tem feito dessa reconciliação assegurada por Deus a pedra fundamental da experiência cristã básica. Falamos muito dos estresses e tensões da vida cristã e desperdiçamos muito tempo tentando tratar com os sintomas, quando a raiz da causa da preocupação consiste em que a cruz foi deixada de lado, e tentamos construir a nossa nova vida sobre a areia do nosso próprio esforço, compressão e obra. A rocha única da nossa fundamentação foi estabelecida uma vez para sempre, o próprio Senhor e Salvador Jesus Cristo. “Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa; e quem nela crer não será, de modo algum, envergonhado. Para vós outros, portanto, os que credes, é a preciosidade...” (1 Pe 2.6-7). A palavra traduzida como preciosidade é um substantivo no grego que significa “de um valor considerável, de verdadeiro valor, de dignidade, um sinal do favor”. A consideração de Deus do nosso valor para Ele é medida pela autodoação da cruz. O Rei crucificado é uma evidência da misericórdia e favor de Deus, o impar clímax da dignidade e da glória para sempre, e a ímpar e única razão para o dom do selamento, interiorização e enriquecimento do Espírito.

A reconciliação é uma porta para o favor de Deus e a realidade de uma nova vida. De onde tiramos o poder para andarmos como filhos de Deus? Romanos 5.10 nos diz: “Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida...”. A maioria de nós está familiarizada com o ensinamento dado em João 15, pelo próprio Salvador, acerca do fato e necessidade da nossa união com Ele. A cruz não é apenas o meio pelo qual

santificação só pode vir de Cristo. A nossa santidade não é o que a moralidade dá, nem mesmo o que a Bíblia dá, nem mesmo o que Cristo dá, é o que Cristo vive. É o próprio Cristo. A razão por que recorremos a baixos padrões em uma vida cristã é devida à nossa união imperfeita com Cristo. Tomamos as nossas doutrinas da Bíblia e a nossa segurança de Cristo, mas por causa da falta da radiante realidade viva da Sua presença em nosso coração buscamos no mundo outras fontes de santidade. Buscamos nos livros religiosos, nos tratados e sermões, mas em vão. “Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim.” “Cristo é tudo em todos.” O princípio de todas as coisas é a vontade de Deus. O fim de todas as coisas é a santificação pela fé em Jesus Cristo. “Nessa vontade é que temos sido santificados...” Entre esses dois toda a vida espiritual e a experiência cristã se movem. E nenhum motivo fora de Cristo pode conduzir um homem a Cristo.

“Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo; porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade. Também, nele, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade” (Cl 2.8-10). “Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção...” (1 Co 1.30). “Ora, como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele...” (Cl 2.6).

Do livro *The Ideal Life (A Vida Ideal)*.

RECONCILIAÇÃO

J.C. Metcalfe

“Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Co 2.2).

A centralidade da cruz é o fundamento sobre o qual devemos estar firmes em meio às correntes do redemoinho do compromisso moderno. Não há cristianismo que não seja profundamente enraizado em Jesus Cristo e este crucificado, e que a reconciliação seja o coração de qualquer pregação válida do Evangelho.

Mas o que é reconciliação? Podemos achar uma resposta para esta pergunta somente nas claras afirmações das Escrituras e nos amplos princípios estabelecidos do começo ao fim de suas páginas. O significado primário é a restauração do favor de Deus para com os pecadores que se arrependem e colocam a sua confiança na morte de Cristo.

Vamos à Carta aos Romanos. Os primeiros versos do quinto capítulo estão ocupados com os resultados da justificação pela fé e imergem naturalmente em uma clara afirmação da obra de Cristo a nosso favor: “Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. (...)

coisas do alto e manter as coisas da terra com uma mão muito aberta. Não negligenciaremos os negócios da vida presente, mas o primeiro lugar em nossa mente e pensamentos será dado à vida por vir. Aspiraremos viver como alguém cujo tesouro está no céu e passar por este mundo como um estrangeiro e peregrino, ter comunhão com Deus na oração, na Bíblia e com o povo de Deus.

Por que a santidade é tão importante?

A santidade pode nos salvar? A santidade pode tirar o pecado ou pagar a nossa dívida para com Deus? Não, de modo nenhum. A santidade não pode fazer nenhuma dessas coisas. Os santos mais famosos são todos “servos inúteis”. As nossas mais puras obras não são melhores do que trapos de imundícia quando provadas pela luz da santa lei de Deus. A veste branca que Jesus oferece, e a fé veste, deve ser a nossa única justiça, o nome de Cristo a nossa única confiança, o livro da vida do Cordeiro o nosso único documento para o céu. Com toda a nossa santidade ainda somos pecadores. As nossas melhores coisas são sujas e manchadas pela imperfeição. Todas elas são mais ou menos incompletas, erradas na motivação e incorretas na realização. Pelas obras da lei nenhum filho de Adão será jamais justificado, “porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não vem de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8-9).

Por que o apóstolo diz que sem ela, a santificação, ninguém verá o Senhor? Em primeiro lugar, devemos ser santos porque a voz de Deus, na Escritura, claramente o ordena. O Senhor Jesus diz aos Seus: “... se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus” (Mt 5.20). “Portanto, sede vós perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste” (Mt 5.48). Paulo disse aos tessalonicenses: “Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação...” (1 Ts 4.3), e Pedro disse: “... segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo” (1 Pe 1.15-16).

Devemos ser santos, porque este é o propósito para o qual Cristo entrou no mundo. Paulo escreveu aos coríntios: “E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2 Co 5.15). E aos efésios: “... Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse...” (Ef 5.25-26). E para Tito: “... o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras” (Tt 2.14). Em resumo, falar de pessoas que são salvas da culpa do pecado sem serem, ao mesmo tempo, salvas do seu domínio no seu coração é contradizer o testemunho da Escritura. É-nos dito que somos eleitos “em santificação do Espírito” (1 Pe 1.2). Somos predestinados para sermos “conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8.29). Somos escolhidos para que possamos ser santos. Somos chamados “com santa vocação” (2 Tm 1.9).

Você gostaria de ser santo? Você gostaria de ser uma nova criatura? Então deve começar com Cristo. Você não fará nenhum progresso até que esteja consciente do seu pecado e fraqueza e vá para Ele. Cristo é o cerne e o princípio de toda santidade, e a forma de ser santo é ir a Ele pela fé e ser unido a Ele. Cristo não é apenas sabedoria e justiça para o Seu povo, mas também santificação. Algumas vezes tentamos nos tornar santos e fazemos disso uma obra melancólica. Batalhamos e trabalhamos, viramos novas páginas e fazemos muitas mudanças, e ainda assim não somos melhores e muitas vezes piores. Nenhum homem pode estabelecer outro fundamento de santidade além daquele que estabeleceu Paulo, que é Cristo Jesus. “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5). Você sente um verdadeiro desejo de ser santo? Você gostaria de ser participante da natureza divina? Então vá a Cristo. Vá e diga a Ele nas palavras daquele belo hino:

“Nada em minhas mãos trago, simplesmente à Tua cruz apego-me; Nu, recorro a Ti por veste; Incapaz, busco a Ti por graça”.

Não há um tijolo nem uma pedra assentada na obra da nossa santificação antes de irmos a Cristo. A santidade é Seu dom especial para o Seu povo crente. A santidade é a obra que Ele leva a cabo em nosso coração, pelo Espírito que Ele coloca dentro de nós. Ele é designado um “Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento” (At 5.31) bem como a remissão dos pecados, “mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus...” (Jo 1.12). A santidade não é hereditária, os pais não podem dá-la aos seus filhos. Os ministros não o podem lhe dar por meio do batismo. A santidade vem de Cristo. Ela é o resultado da união vital com Ele e é o fruto de ser uma vara viva da Videira Verdadeira. Vá a Cristo e diga: “Senhor, não apenas me salve da culpa do pecado, mas envie o Espírito, que Tu prometeste, e salve-me do seu poder. Faça-me santo. Ensina-me a fazer a Tua vontade”.

Você gostaria de continuar santo? Então permaneça em Cristo. Ele diz: “... permaneci em mim, e eu permanecerei em vós... Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto...” (Jo 15.4-5). Ele é o Médico a quem você deve recorrer diariamente se quiser se manter bem. Ele é o Maná que você deve comer e a Rocha da qual deve beber. Ele é o ombro sobre o qual deve se reclinar. Você não deve apenas estar arraigado, deve também ser edificado n'Ele. Paulo era um homem de Deus, era uma pessoa para quem Cristo era “tudo em todos”. Ele estava sempre olhando para Jesus. “Tudo posso”, ele disse, “naquele que me fortalece”; “... já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus...” (Fp 4.13; Gl 2.20).

Vamos prosseguir e agir de modo que possamos ser achados por Ele em paz, sem mancha nem culpa.

Do livro Holiness (Santidade).

oramos sobre isso, mas nunca conseguimos uma resposta.

Com a divina obrigação diante de nós, não é mais opcional que sejamos santos. Devemos ser santos. O desejo de Deus para toda a terra é que seja santa, justamente porque Ele é santo. E o melhor que Ele pode fazer conosco é nos tornar como Ele mesmo. Toda a terra é d'Ele, e Ele gostaria de ter tudo em harmonia com Ele. Deus tem o direito de exigir que sejamos santos, que todas as pessoas e coisas sejam santas, justamente porque Ele mesmo é santo.

Mas Deus coloca essa elevada obrigação sobre nós por causa de nós mesmos. Para isso nascemos. Por isso, coisas estranhas aconteceram em nossa vida, disciplinas estranhas perturbaram a nossa vida, preocupações estranhas. Não é necessário que sejamos prósperos ou famosos, ou felizes, mas é necessário que sejamos santos. Os momentos mais profundos da nossa vida às vezes nos dão vislumbres de uma razão mais sensível ainda do por que Deus diz: “Sede santos”; é por causa de nós mesmos.

Seja santo como Ele é santo. Assim como Ele é santo, assim como Aquele que o chamou é santo, assim seja você santo. Este é o padrão da santidade para o qual fomos chamados: “Assim como Ele é santo”. Pense por um momento na diferença entre estes pronomes: Ele e você. “Ele, que chamou você.” Jesus Cristo, “o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças...” (1 Pe 2.22-23). Ele, que era sem mancha, em quem até os Seus inimigos não encontraram nenhuma falta. Você, o filho de uma raça caída. Você, com “enganoso coração, mais do que todas as coisas, e perverso” (Jr 17.9). Você deve se tornar como Ele. Aqui está um motivo tão elevado quanto a santidade de Deus. Faz-nos sentir como se tivéssemos toda a obra da nossa vida ainda diante de nós.

Os elevados motivos humanos e os propósitos humanos podem tornar nobre a vida das pessoas, mas nunca podem torná-la santa. Uma vida santa é uma vida como a de Cristo, ou melhor, o espírito como o de Cristo. Já que a vida como a de Cristo só pode vir d'Ele, o espírito de Cristo só pode ser dado por Ele.

Cristo veio para fazer a vontade de Deus, para tornar a santidade possível para nós. “Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação” (1 Ts 4.3). Em Hebreus 10.10, lemos: “Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas”. A nossa santificação não está em livros, ou em nobre entusiasmo, ou em lutas pessoais para uma vida melhor. Está no oferecimento do corpo de Jesus Cristo, feito uma vez para sempre. A justificação é por meio do sangue de Jesus Cristo, feita uma vez para sempre. A santificação é por meio do corpo de Jesus Cristo, oferecido uma vez para sempre. Ela não é uma coisa a ser gerada, mas a ser recebida. Não deve ser gerada em fragmentos de experiência uma vez ou outra, ela já é completa em Cristo. Temos apenas de nos vestir de Cristo. E embora isso possa levar todo o tempo de uma vida de experiência para torná-la nossa, a

SANTIFICAÇÃO, A VONTADE DE DEUS

Henry Drummond

“Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação...” (1 Ts 4.3). “... pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque está escrito: Sede santos, porque eu sou santo” (1 Pe 1.15-16).

Na Bíblia há dois grandes significados para a palavra santificação. O primeiro, no Antigo Testamento, tem um significado mais geral. Não era de forma alguma necessariamente aplicado a corações, mas a coisas. Um campo poderia ser santificado, uma casa, um altar no tabernáculo, os vasos de ouro e de prata, as vestes do sacerdote, as cidades de refúgio. Qualquer coisa que fosse posta à parte para o uso sagrado era considerada santificada.

No Novo Testamento, a palavra tem um significado mais profundo. Não significava apenas a consagração exterior, mas a santidade interior. Ela significava uma purificação interior do coração de toda a impureza e um suprimento dele com a mente de Cristo. Ela é o acolhimento do Espírito de Deus proveniente do alto para comunicar a santidade, que deve operar uma semelhança interior ao caráter de Deus.

O objetivo prático do primeiro significado era de colocar a coisa em uma posição onde Deus pudesse usá-la. Um castiçal de ouro era santificado para que pudesse ser de alguma utilidade para Deus. Uma casa era santificada para que pudesse ser exclusivamente Sua, para fazer dela o que quisesse. Da mesma forma, uma pessoa é santificada para que Deus possa usá-la.

Mas há algo mais na santificação do que uma pessoa simplesmente ser um instrumento nas mãos de Deus, pois se não fosse assim, os autômatos poderiam fazer a obra muito melhor do que as pessoas e nunca se oporiam à vontade de Deus. Se uma pessoa fizer a vontade de Deus, esta não apenas é feita, mas a pessoa é afetada. Deus nunca guarda nada completamente para Si mesmo. Aquele que amou tanto o mundo que deu Seu Filho Unigênito, não nos dá com Ele também graciosamente todas as coisas? Seu Filho é para nós, o Seu amor é para nós, a Sua vontade é para nós. Como sabemos que é para nós? Porque a santificação, a santidade, é a vontade de Deus para nós.

Você pensa que Deus precisa do seu corpo quando pede para que o apresente a Ele? Você pensa que é para o Seu próprio bem que Ele o pede, para que possa ser enriquecido por ele? Deus pode fazer mil melhores. É por sua causa que Ele o pede. Ele quer o seu dom para lhe dar o Seu dom. Ele quer a sua vontade fora do caminho para dar lugar à Sua vontade. Você dá tudo para Deus, e Deus dá tudo de volta novamente, e ainda mais. Você apresenta seu corpo como um sacrifício vivo para que possa tê-lo de volta, um corpo glorificado. Você se livra do mundo para que possa ganhar o céu. Esta é a vontade de Deus para que você possa ganhar a santidade, pois a santidade é o céu. É da vontade de Deus que todos nos tornemos santos, mas como podemos nos tornar santos? Provavelmente, fizemos essa pergunta muitas vezes. Pensamos, lemos e

CRISTO, A NOSSA VIDA

Ruth Paxson

Cristo Jesus foi feito como nós para que pudéssemos ser feitos como Ele. Na encarnação havia a unidade da Deidade com a humanidade para que na regeneração pudesse haver a união da humanidade com a Deidade. Quando o Espírito Santo produz no crente uma nova natureza, Ele abre a porta para uma viva e orgânica união entre Cristo e o cristão, a qual existirá pelos séculos e séculos por virem. Cristo e o cristão são eternamente um. O Cristo exaltado vive agora para conceder a nós, em toda sua plenitude, Sua própria triunfante e jubilosa vida santa.

Ser cristão nada mais é do que ter o Cristo glorificado vivendo em nós em verdadeira presença, possessão e poder. É tê-lo como a Vida da nossa vida de tal forma e em tal grau que podemos dizer o mesmo que Paulo disse: “Para mim o viver é Cristo”. Ser cristão é crescer em Cristo em todas as coisas: é ter a semente divina, que foi plantada no nosso mais íntimo espírito, brotando para um crescimento na conformidade da Sua vida perfeita. Ser um cristão é ter Cristo como a vida da nossa mente, nosso coração, nossa vontade; assim, é Cristo pensando através de nós, amando através de nós, desejando através de nós. É não ter nenhuma vida além da vida de Cristo dentro de nós nos enchendo em medida sempre crescente.

No entanto, posso ouvir alguns Nicodemos modernos dizerem: “Como pode suceder isto?”. Como posso viver tal vida em meu lar, no qual não recebo simpatia nem ajuda, mas apenas zombaria e escárnio, e tenho por tanto tempo vivido uma vida pecaminosa e caída? Como posso viver uma vida cristã verdadeiramente consistente em meu círculo social, no qual apenas existem pessoas que nunca dão a Ele uma consideração e Seu nome nunca é mencionado? Como posso viver “no Espírito” em um lugar de negócios em que estou cercado por aqueles que vivem completamente “na carne” e até mesmo a atmosfera parece sobrecarregada com o mal? Como posso até mesmo aprender a viver a vida mais abundante quando sou membro de uma igreja tristemente mundana, na qual pouco é dado para alimentar e fortalecer minha vida espiritual?

Assim como estamos em Cristo nas regiões celestiais, Ele está em nós na Terra. Cristo em nós pode viver esta vida em qualquer lugar, e isso é o que Ele almeja fazer. Esta verdade nosso Senhor deu de forma embrionária em Sua última conversa com Seus discípulos. Ele lhes disse que iria deixá-los, e eles estavam querendo saber como poderiam ser verdadeiros discípulos apartados d'Ele. O encargo dessa última conversa era de assegurá-los que estaria com eles em uma presença espiritual muito mais real e vital do que o relacionamento que tiveram com Ele até aquele dia. A mesma Vida que estava n'Ele como a Vide fluiria através deles como ramos.

“Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5).

Da mesma forma foi o encargo da oração sacerdotal de nosso Senhor naquela última noite.

“... eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim. Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo. Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste. Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja” (Jo 17.23-26).

“Eu neles” – estas duas palavras simples, mas significativas, fecham a oração com aquele pequeno círculo íntimo no qual Ele expressou o desejo ardente de Seu coração pelos Seus no correr dos séculos. Hoje, assim como antes, é o desejo de Jesus Cristo reencarnar a Si mesmo no cristão.

O apóstolo Paulo, na revelação dada a ele, se agarrou a essa preciosa e gloriosa verdade, e ela está entretida na urdidura e trama da sua experiência, sua pregação e seu serviço missionário. “Cristo vive em mim” era a verdadeira culminância da sua vida espiritual pessoal.

“Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2.19b-20).

“Porquanto, para mim, o viver é Cristo...” (Fp 1.21).

“Cristo vive em mim”; assim, “para mim o viver é Cristo” – não havia nada além disso para Paulo. Ter o Cristo glorificado como sua verdadeira vida abrangia tudo na experiência espiritual de Paulo. Isso para ele era a vida no plano mais alto.

“Cristo em vós” era o coração da sua mensagem às igrejas. Isso soava como trombeta claramente em todo ensinamento e pregação de Paulo. Um corte transversal de qualquer das suas epístolas revelaria essa verdade escrita em letras maiúsculas.

“... aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória...” (Cl 1.27).

“Cristo em vós” era a verdadeira paixão do seu serviço ministerial. Paulo pôde empregar diferentes métodos em seu serviço a Deus, ele pôde ser todas as coisas para todos os homens, mas o fim, o objeto, o alvo de tudo isso era somente uma coisa para ele: que Cristo Jesus pudesse ser formado em cada um que ouvia a mensagem do Evangelho.

“... meus filhos, por quem, de novo, sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós...” (Gl 4.19).

Ser um cristão é receber a Cristo como Salvador e coroa-lo como Senhor. Porém há mais um passo: é apropriá-lo como Vida. Como a máquina do relógio é a vida real do relógio, assim o Senhor Jesus dentro do crente é a vida real do crente. “A vida do cristão não é meramente uma vida convertida nem mesmo uma vida consagrada, mas é a Vida de Cristo.” Cristo é o centro do

que esquece de si mesmo e acha sua bênção em abençoar outros, em suportá-los e honrá-los, não importa quão fracos sejam. Onde esse amor entra, Deus entra.

E onde Deus entrou em Seu poder e revela a Si mesmo como Tudo, a criatura torna-se nada. E onde a criatura se torna nada diante de Deus, ela não pode ser nada a não ser humilde diante de outras criaturas como ela. A presença de Deus torna-se não algo ocasional, de tempos ou temporadas, mas a cobertura sob a qual a alma sempre habita, e seu profundo rebaixamento diante de Deus torna-se o santo lugar de Sua presença de onde todas as palavras e obras dela procedem.

Que Deus nos ensine que nossas opiniões, palavras e sentimentos com respeito aos outros homens são Seu teste de nossa humildade diante D'Ele, e que nossa humildade diante D'Ele é o único poder que nos capacita a ser sempre humildes com os homens. Nossa humildade tem de ser a vida de Cristo, o Cordeiro de Deus, dentro de nós.

Que todos os mestres de santidade, quer no púlpito, quer na plataforma, e todos os buscadores da santidade, quer em secreto, quer na convenção, tomem cuidado. Não há orgulho tão perigoso, pois nenhum é tão sutil e traiçoeiro, como o orgulho da santidade. Não é que o homem sempre diga ou sempre pense: “Fique onde está; sou mais santo que você”. Não, na verdade, esse pensamento é tratado com aversão. Mas lá cresce, inconscientemente, um hábito oculto da alma, que sente satisfação em seus feitos e não pode ajudar outros por ver quão avançada está em relação a eles. Isso pode ser percebido, nem sempre numa especial autoafirmação ou autoexaltação, mas simplesmente na carência daquela profunda auto-humilhação que não pode ser senão a marca da alma que viu a glória de Deus (Jó 42.5-6; Is 6.5). Isso revela a si mesmo, não apenas em palavras ou pensamentos, mas num tom, numa maneira de falar de outros, na qual aqueles que têm o dom de discernimento espiritual não podem fazer outra coisa a não ser perceber o poder do ego. Até o mundo com seus olhos penetrantes observa isso, e aponta para isso como uma prova de que o professor de uma vida celestial não produz nenhum fruto celestial especial. Oh! Irmãos, vamos nos acautelar. A menos que façamos com que cada avanço no que pensamos ser santidade corresponda ao crescimento da humildade, perceberemos que temos nos deleitado em belos pensamentos e sentimentos, em atos solenes de consagração e fé, enquanto a única marca segura da presença de Deus, o desaparecimento do ego, esteve o tempo todo ausente. Venham e vamos fugir para Jesus, e esconder-nos N'Ele até que sejamos revestidos com Sua humildade. Somente isso é nossa santidade.

Do livro *Humildade, a Beleza da Santidade* (Editora dos Clássicos).

18.11). O ego acha razão para sua satisfação naquilo que é apenas o motivo para as ações de graças, nas próprias ações de graça que rendemos a Deus e na própria confissão de que Deus fez tudo isso. Sim, até mesmo no templo, quando a linguagem de penitência e confiança somente na misericórdia de Deus é ouvida, o fariseu pode começar a louvar e, agradecendo a Deus, estar congratulando a si mesmo. O orgulho pôde vestir-se com vestes de louvor ou de penitência. Até quando as palavras: “Não sou como os demais homens” são rejeitadas e condenadas, o espírito delas pode também, muitas vezes, ser encontrado em nossos sentimentos e linguagem diante de outros adoradores e homens como nós. Se você deseja saber se isso é realmente assim, apenas ouça a maneira como as igrejas e os cristãos geralmente falam uns dos outros. Quão pouco da mansidão e bondade de Jesus é vista. Tão pouco é lembrado de que a humildade profunda tem de ser o princípio predominante do que os servos de Jesus dizem d’Eles mesmos ou uns dos outros. Não há muitas igrejas ou assembleia de santos, muitas missões ou conferências, muitas sociedades ou comitês, até mesmo muitas missões nas distantes terras de idolatria, nas quais a harmonia tem sido perturbada e a obra de Deus impedida porque os homens que são considerados santos provaram em suscetibilidade, precipitação e impaciência, em autodefesa e autoafirmação, em julgamentos severos e palavras grosseiras, que eles não consideram outros melhores que eles mesmos, e que sua santidade não tem pouco da mansidão dos santos? Em sua história espiritual, os homens podem ter tido momentos de grande humilhação e quebrantamento, mas isso é muito diferente de ser revestido de humildade, de ter um espírito humilde, de ter a humildade de mente em que cada um considera a si mesmo o servo dos outros e, assim, mostra publicamente a própria mente que está também em Jesus Cristo.

Jesus, o Santo, é o Humilde: o mais santo será sempre o mais humilde. Não há nenhum santo a não ser Deus: temos tanto de santidade quanto temos de Deus. E de acordo com o que temos de Deus, essa será nossa real humildade, pois a humildade não é nada senão o desaparecimento do ego na visão de que Deus é tudo. O mais santo será o mais humilde. Ah! Apesar da ostentação audaciosa dos judeus dos dias de Isaías não ser encontrada frequentemente — até nossa conduta nos ensinou a não falar assim —, quantas vezes seu espírito ainda é visto, quer no tratamento com nossos companheiros santos, quer no tratamento com os filhos do mundo. No espírito no qual opiniões são dadas, e trabalho é empreendido, e faltas são expostas, quantas vezes, apesar de a aparência ser a daquele publicano, a voz ainda é a do fariseu: “Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens”.

E há, então, tamanha humildade a ser encontrada, pela qual os homens, de fato, considerem a si mesmos “menores que o menor de todos os santos” (Ef 3-8), os servos de todos? Há. “O amor não se ufana, não se ensoberbece, não procura os seus interesses” (1 Co 13.4-5). Onde o espírito de amor é derramado amplamente no coração, onde a natureza divina vem para um pleno começo, onde Cristo, o manso e humilde Cordeiro de Deus, é verdadeiramente formado no interior, aí é dado o poder de um perfeito amor,

cristão; Cristo é a periferia do cristão; Cristo é tudo entre ambos. Como Paulo colocou: “Cristo é tudo em todos”.

“Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória” (Cl 3.4).

A história espiritual de um crente poderia ser escrita em duas frases: “Tu em mim” e “eu em Ti”. Na avaliação de Deus, Cristo e o crente tornaram-se um de tal forma que Cristo está tanto no céu como na Terra, e o crente está tanto na Terra como no céu. A Igreja sem Cristo é um corpo sem Cabeça; Cristo sem a Igreja é uma Cabeça sem um corpo. A plenitude da Cabeça é para o corpo, e o corpo é “a plenitude daquele que cumpre tudo em todos”.

“... porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da divindade. Também, nele, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade” (Cl 2.9-10).

“E pôs todas as coisas debaixo dos pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas” (Ef 1.22-23).

Poderia Deus nos dizer mais claramente que em Seu propósito divino pretende que Cristo seja a plenitude do cristão? Este é um pensamento estonteante! Sua plena importância é que você, eu e todos os outros cristãos devemos trazer Cristo do céu para a Terra e fazer os homens verem em nós o que Ele é, o que Ele tem feito e o que Ele pode fazer na vida humana. É ter a vida de Cristo em tal perfeição de semelhança que os homens O vejam em nós e sejam atraídos a Ele em fé e amor. Deve ser uma unidade de vida tal que a personalidade humana de alguém é apenas um vaso no qual a beleza, santidade e glória do Senhor Jesus brilham em inobscurecível transparência.

Porém aqui ouço a murmuração de um duvidoso Tomé: “A menos que eu veja esta vida de Cristo mais perfeitamente em meu companheiro cristão ou a experimente mais plenamente em minha própria vida não acreditarei que ela seja possível!”. Tudo o que posso dizer em minha resposta a isso é que “creio porque vi”. Por seis semanas vivi no céu acima da terra em um alojamento em Chicago, pode parecer inacreditável. Isso se passou por causa de uma pequena mulher que pesava cerca de quarenta quilos e estava impedida de cair e se despedaçar no chão por um aparelho que era usado dia e noite. Ela vivia no terceiro andar havia dois anos sem perspectiva, exceto o céu azul acima e um pedaço de grama verde uns poucos metros quadrados abaixo. No entanto seus olhos brilhavam como estrelas, em seu rosto estava um sorriso que o intenso sofrimento físico, as dificuldades financeiras circunstanciais, os poucos contatos sociais, as oportunidades limitadas de gozar do grande e maravilhoso mundo de Deus não podiam remover, e refletido naquele rosto estava uma luz que ninguém vê no mar nem na terra, exceto onde a Luz do mundo habita em inobscurecível brilho. Cristo era a Vida da sua vida.

Um jovem chinês que se tornara cristão havia menos de dois anos foi participar de um tempo de comunhão entre cristãos. Ele havia sido maravilhosamente convertido e transformado de uma vida de impiedade. Cristo de fato e verdadeiramente havia se tornado tudo para ele. Depois de ter

deixado a casa naquele dia, um cavalheiro que o viu por apenas um breve momento disse: “Quem é aquele jovem? Nunca encontrei ninguém que tão imediatamente me compelissem a pensar em Cristo como ele o fez”.

Um homem de negócios que era cristão estava à beira da morte com câncer em um hospital. Os amigos chamados para confortá-lo deixaram-no sentindo que eles não apenas foram levados até a porta dos céus, mas também que tinham visto o Rei em Sua beleza. Cristo havia sido a Vida da sua vida na saúde e continuava a ser assim na enfermidade.

Uma jovem da nobreza estava no caminho que conduz ao mundanismo e comodidade quando se encontrou com seu Senhor. Cativada por Seu forte amor e poder, como os apóstolos do passado, também disse: “Senhor, o que tu queres que eu faça?”. A resposta foi: “Irei, através de ti, levar o Evangelho para a China”. Por pelo menos trinta anos ela esteve ali sem uma licença, trabalhando e orando no frio do inverno e no calor do verão, com apenas umas férias ocasionais de uma ou duas semanas. Em mais de vinte lugares estão grupos de adoradores do verdadeiro Deus e muitas centenas que foram eternamente abençoados por meio daquela vida crucificada, sepultada e ressuscitada com Jesus Cristo. Você dirá: “Ela deve estar velha, desgastada e fadigada”. Ao contrário. Em sua bela face está toda a alegria jovial de uma moça e também toda a maravilhosa paz de uma vida vivida em constante e consciente presença do Deus vivo. Até mesmo um estrangeiro imediatamente reconhece naquela vida algo mais do que humano; algo que pertence a outro mundo além deste. Cristo é a Vida da sua vida.

Uma pequena menina de onze anos ficou doente. Ela amava profunda e afetosamente seu Senhor, e quando Ele veio para levá-la para o lar, ela parecia completamente transfigurada. Ela chamou seu pai, mãe, irmãos e irmãs e com o sentimento do verdadeiro amor de Cristo fluindo do seu pequeno coração suplicou a eles para a encontrarem no céu. Uma irmã mais velha, que a amava como ninguém mais, saiu daquele quarto moída, mas com seu coração endurecido contra o Cristo de sua irmã. Ela prosseguiu em uma vida de reconhecível mundanismo sempre perseguida pela face e a voz de Cristo como tinha visto e ouvido em sua pequena irmã. Dois anos se passaram, mas a visão de Sua face e o som de Sua voz não foram ofuscados, e finalmente aquele frio e resistente coração foi derretido em tal amor do Senhor Jesus que ela alegremente O recebeu como seu Salvador, e sua vida foi maravilhosamente transformada. Cristo era a Vida daquela criança de onze anos.

Ele é a Vida de sua vida? Isso poderia ser dito de sua vida?

“Não eu, mas Cristo seja honrado, amado, exaltado,

Não eu, mas Cristo seja visto, seja conhecido, seja ouvido;

Não eu, mas Cristo em todo pensamento e ação,

Não eu, mas Cristo em todo olhar e palavra.”

O pensamento de viver tal Vida de Cristo poderia bem nos fazer tremer e temer não tivesse Deus deixado tão claro que Ele não espera que nós a vivamos em nossa própria força e poder, mas no dom do Espírito Santo. Ele fez ampla provisão para o nosso crescimento na conformidade da imagem do Seu

Filho e para uma contínua renovação da vida de Cristo em nós. É o Espírito Santo quem traz a plenitude da vida de Cristo nos céus para nossa vida na Terra.

“E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2 Co 3.18).

“... para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé... para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus” (Ef 3.16-17, 19b).

Do livro Vida em um Plano Mais Alto (Editora dos Clássicos).

HUMILDADE, A BELEZA DA SANTIDADE

Andrew Murray

As verdades abençoadas da santidade em Cristo, e santidade pela fé, estão sendo enfatizadas como nunca antes. O maior teste para vermos se a santidade que professamos buscar ou atingir é verdade e vida será ela ser manifestada na humildade crescente que ela produz. Na criatura, a humildade é a única coisa necessária para permitir que a santidade de Deus habite nela e brilhe através dela. Em Jesus, o Santo de Deus que nos faz santos, a humildade divina era o segredo de Sua vida, de Sua morte e de Sua exaltação; o único teste infalível da nossa santidade será a humildade diante de Deus e dos homens que nos caracteriza. A humildade é a força e a beleza da santidade.

A principal marca da santidade falsificada é sua falta de humildade. Todo aquele que busca a santidade precisa estar vigiando, a fim de que não aconteça que, inconscientemente, o que foi começado no espírito seja aperfeiçoado na carne e o orgulho rasteje onde sua presença é menos esperada. Dois homens foram ao templo para orar: um era um fariseu, o outro era um publicano. Não há posição ou lugar mais sagrado, mas o fariseu pode entrar lá. O orgulho pode chegar-lhe à cabeça dentro do próprio templo de Deus, e fazer da adoração a Ele a cena da autoexaltação do fariseu. Desde que Cristo expôs o orgulho do fariseu, este pôs a veste do publicano, e o confessor de profunda pecaminosidade, bem como o que professava a santidade mais elevada, deve estar alerta. Apenas quando estamos muitíssimo ansiosos para ter nosso coração como um templo de Deus, poderemos encontrar os dois homens subindo ao templo para orar. E o publicano constatará que o perigo para si não é proveniente do fariseu ao seu lado, que o despreza, mas do fariseu interior que elogia e exalta. No templo de Deus, quando pensamos que estamos no Santo dos Santos, na presença de Sua santidade, vamos acautelar-nos do orgulho.

“Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles” (Jó 1.6). “Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens (...) nem ainda como este publicano” (Lc